

## Palmeiras x Corinthians 1945: o jogo vermelho

Wagner Xavier de Camargo<sup>1</sup>

REBELO, Aldo. 2010. *Palmeiras x Corinthians 1945: o jogo vermelho*. São Paulo: Editora UNESP. 119 p.

Não foi sem surpresa que me deparei com o livro de Aldo Rebelo entre tantos outros numa livraria comercial. Primeiro pelo fato de constatar que se tratava de uma publicação sobre a história do futebol nacional — algo não muito comum — e, segundo, porque nunca imaginamos nossos políticos como homens versados em outras “artes”.

Chamou-me a atenção, portanto, desde o instante inicial em que o tomei a obra nas mãos. Na capa vem estampada uma ilustração da foice com o martelo (símbolos do comunismo), em vermelho sangue, e nas “orelhas” há uma convincente propaganda do conteúdo. De acabamento impecável, o livro é todo impresso em papel *couche* fosco, oferecendo qualidade excepcional à obra e conferindo prazer ao manuseio. Além desses detalhes, numa primeira folheada tem-se a noção do exímio cuidado com as fotografias e as xerocópias de jornais antigos. Tudo é muito convidativo para a leitura.

Não me arriscaria a escrever uma resenha sobre o texto se não houvesse contribuição nele contida. Rebelo é bastante perspicaz no tratamento das fontes e também na tessitura da narrativa. Tem-se a impressão — quase real — de se estar vivendo nos dias prévios ao jogo em questão, no ano de 1945.<sup>1</sup> Contudo, o autor é mais dinâmico e vai-e-vem inúmeras vezes, tendo como referência central o dia 13 de outubro daquele ano.

---

<sup>1</sup> Antropólogo, atualmente é pesquisador júnior em Antropologia Social com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (FAPESP) no Depto. de Ciências Sociais, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos/SP, Brasil.

Do jogo, que tem como palco o velho estádio do Pacaembu na cidade de São Paulo, aos acontecimentos que o circundam, não se é perdida a dimensão micro-macro. O “13 de outubro de 1945” em São Paulo, no Brasil e no mundo são os três primeiros capítulos do livro. Ademais há também perspicácia da escrita nesse começo, pois a contextualização de fatos (e fotos) coloca o leitor como epicentro, num bombardeamento de informações escritas e visuais.

1945 é o divisor de águas de uma era: ao mesmo tempo em que traz o fim da Segunda Guerra Mundial, significa também o rearranjo de forças e da geopolítica em escala mundial. Rebelo é hábil em reconstituir a situação pós-guerra no Brasil e no mundo, bem como mostrar como a (ex-)União Soviética angariava apoiadores em todos os lugares, devido ao fato de ter colocado um ponto final na II Guerra e no avanço nazista. Para o autor, muito da consolidação das ideias socialistas/comunistas, bem como a presença e a influência de veículos políticos como o Partido Comunista do Brasil (PCB) sobre operários, classe média e intelectuais é prova cabal disso.

No plano nacional havia a preparação para as eleições presidenciais de 02 de dezembro e o palco político estava em ebulição. O jogo político de Getúlio Vargas era contraditório e, ao mesmo tempo em que apoiava o candidato Eurico Gaspar Dutra, estimulava o apoio popular à sua permanência no poder. O movimento era definido como Queremismo.<sup>2</sup> Aldo Rebelo registra que a iniciativa era apoiada pelo Partido Comunista, partido que defendia a constituinte sob o governo Vargas, contra a oposição dos liberais, cujos interesses buscavam afastar o então presidente e seus posicionamentos nacionalistas.

A contenda futebolística entre Palmeiras e Corinthians no dia 13 de outubro teria a renda destinada ao Movimento Unificador dos Trabalhadores (MUT), importante braço sindical do PCB e elemento aglutinador dos operários, promotor da sindicalização em massa. Além do jogo principal, e com o objetivo de mobilizar e envolver os trabalhadores, “o MUT

programou um jogo preliminar (...) a ser disputado entre os times do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Fiação e Tecelagem e do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil” (REBELO 2010, p. 82). É importante destacar que Palmeiras e Corinthians foram escolhidos por representar uma grande quantidade de torcedores, tanto descendentes de italianos, quanto operários de origem popular.<sup>3</sup>

Para a realização do evento houve minuciosas e articuladas amarrações políticas. Tal aspecto aparece em grande parte da obra é o que mais me atraiu na leitura. Mesmo narrando toda a preparação do amistoso, o autor se esmera em detalhes dos bastidores entre as federações (Sociedade Esportiva Palmeiras e Sport Club Corinthians Paulista), os políticos e a própria Federação Paulista de Futebol (FPF), cujos presidente (Antônio Feliciano) e contador (Anthenógenes Pompa) foram os maiores apoiadores do jogo. Pompa atuou ativamente como um dos principais organizadores do evento e Feliciano era o grande homenageado do clássico. Rebelo registra que tamanha era a importância do presidente da FPF que o MUT decidiu dar seu nome ao troféu em disputa.<sup>4</sup>

A preparação para o torneio ocorreu nos dois clubes e, de acordo ele, havia um caráter de maior desafio para o Palmeiras, que substituiu o técnico às vésperas do jogo. Oswaldo Brandão entrara no lugar de Del Debbio e faria sua estreia naquele sábado, 13 de outubro. Para isso, começou a treinar os jogadores no período noturno, a fim de que se acostumassem às temperaturas mais amenas, à garoa do fim de tarde e à luz dos refletores. No Parque São Jorge, casa do Corinthians, tudo transcorria normalmente e o técnico, Alcides Aguiar treinava na semana tanto o time titular do amistoso, quanto a equipe de aspirantes — para um jogo contra o São Paulo no dia seguinte.

Apesar de não se dar conta, o autor também traz um importante traço de gênero, quando trata de figuras femininas como Iracema Rosemberg e Fanny Blay, que participaram da promoção do amistoso e do ato em homenagem a Olga Benário Prestes, mulher de Luiz

Carlos Prestes deportada para a Alemanha sob acusação de espionagem. Particularmente Iracema (e outras, como Zélia Gattai) era(m) ativista(s) do Comitê de Finanças e do Movimento de Mulheres do PCB.

Enfim, para quem escreveu um livro a partir do esbarrão com o troféu empoeirado da Deusa Vitória, na sala de prêmios do Palmeiras, Aldo Rebelo surpreende. Não somente pelo que foi dito anteriormente, mas por reeditar com estilo uma fração da história esportiva há muito esquecida (inclusive pelos próprios protagonistas ainda vivos).

Como lembrança e para os estudos sobre futebol, vale destacar que todos os governos brasileiros durante o ciclo nacional-desenvolvimentista (de Vargas e o Estado Novo ao Regime Militar) trouxeram (e visibilizaram) o futebol como um importante elemento na construção e sedimentação de uma identidade nacional. Os discursos oficiais apoiavam-se na mestiçagem (e, em consequência, no “jeito brasileiro” de jogar o esporte) para promover a massificação da adesão aos clubes de futebol, em nome da democratização do “torcer”.<sup>5</sup>

O livro de Rebelo situa-se aí, numa confluência de consolidação dos “sentidos de pertencimento” (se é que assim podemos chamá-los), clubísticos e/ou político-partidários. É por essa e por outras que se torna uma leitura fundamental!

<sup>1</sup> Aliás, esse é um recurso interessante utilizado por alguns autores. Hans Ulrich Gumbrecht (1999) encampa tal façanha ao retratar o ano de 1926. No caso de Rebelo, 1945 até foi um ano importante na cronologia da história mundial. Porém, Gumbrecht elege 1926 exatamente por ser um ano qualquer, a fim de mostrar o “presente” ampliado, transformando-se num espaço de simultaneidades no mundo contemporâneo. Ele pressupõe que graças aos avanços do conhecimento histórico torna-se possível produzir uma sensação de viver no passado. Segundo explica: “(...) fazer pelo menos alguns leitores esquecerem, durante o processo de leitura, que eles não estão vivendo em 1926. Em outras palavras: evocar alguns dos mundos de 1926, representá-los no sentido de torná-los novamente presentes” (GUMBRECHT 1999, p. 10). GUMBRECHT, Hans Ulrich. 1999. *Em 1926: vivendo no limite do tempo*. Trad. Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Record.

<sup>2</sup> Expressão que advinha dos gritos populares de *Queremos Getúlio!* (COTRIN, Gilberto. 2005. *História Global: Brasil e Geral*. 8ª edição. São Paulo: Saraiva).

<sup>3</sup> É interessante lembrar que Rebelo se define como “palmeirense apaixonado por futebol” (REBELO 2010, p. 13) e é filho de nordestinos alagoanos que migraram para São Paulo em dado momento do século XX. Grande parte de seu impulso e iniciativa em escrever o livro pode ser visto não só pelo prisma do pertencimento clubístico, como também pelo lado da origem da dinâmica social.

<sup>4</sup> Vale destacar que os clubes disputariam dois troféus. Segundo o autor, “o primeiro seria o troféu Dr. Antônio Feliciano, uma homenagem do MUT ao presidente da FPF. O outro era o Bronze Tuffy-Fried, criado em reconhecimento a dois craques do futebol brasileiro: o Tuffy Neugen [goleiro do Corinthians na década de 1920] e Arthur Friedenreich, o Fried [um dos maiores artilheiros do futebol brasileiro e mundial]” (REBELO 2010, p. 81). [acréscimos meus entre colchetes]

<sup>5</sup> Para os interessados há a produção bibliográfica que é referência sobre o “torcer” e os “estilos de jogar/pensar futebol”, consultar: TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. 1996. São Paulo: Autores Associados/ANPOCS; \_\_\_\_\_. *No país do Futebol*. 2000. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; \_\_\_\_\_. *Lógicas no Futebol*. 2002. São Paulo: Hucitec/Fapesp; \_\_\_\_\_. “Estilos de Jogar, Estilos de Pensar: esboço comparativo entre DaMatta e Archetti”. In: Luiz Henrique de Toledo e Carlos Eduardo Costa (Orgs.). 2009. *Visão de Jogo: antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome. p. 255-265.